

~~de~~ ~~Brasil~~

im: Rodrigues Junier
Recreativo Terra de Portugal
Lisboa: Agência geral de Ultramar, 1965.

TURISMO E FOLCLORE

Não são apenas as praias e os bons hotéis os grandes motivos de turismo, também, todas as coisas que podem interessar à recreação do espírito do homem que nos visita. Tudo quanto possa encantá-lo. O repouso também agrada sempre ao que vem de longe cansado e procura nos caminhos da sua viagem o lugar capaz de satisfazer a sua necessidade de solidão e isolamento. O que vem fatigado do movimento das grandes cidades anseia por encontrar, longe delas, o conforto que seja capaz de lhe oferecer quanto importa à sua necessidade. Há o viajante que deseja distrair-se — e procura os cinemas, o teatro ligeiro, as touradas, as competições desportivas. E há, também, o viajante que deseja ter no meio novo que visita os elementos capazes de agradar aos seus anseios de cultura: os que lhe poderão dar a ideia exacta do meio e do povo visitados. Viajar é sempre um processo de nos instruímos. São as bibliotecas o grande atractivo do turismo ilustrado, os museus, o folclore. Principalmente o folclore: a música, o canto e as danças. A Hugh Tracey interessou-o, na sua andança de turista e de estudioso, o folclore do povo «Chope» (a sua música, as suas danças, os seus cantares — e os seus poetas). E as suas lendas. E a sua religião. E os seus hábitos. E a sua casa. E a sua cozinha. Curiosa essa nota de

atração, o folclore, que é de grande interesse para o estudioso — e motivo de grande riqueza expressional do que é realmente belo e característico de uma região, de um povo. É o espectáculo em si que prende e seduz — o espectáculo com a sua cor e o seu movimento, o seu encanto artístico. Nós temos em Moçambique um folclore riquíssimo e variado: o dos distritos da metrópole, aqui representados pelas agremiações regionais; todo o folclore nativo não menos precioso como espectáculo dos mais interessantes, no seu próprio meio, tão variado e tão rico — tão variado porque são diferentes os grupos étnicos que povoam a terra moçambicana. No Limpopo pôde dar-se, aquando da visita presidencial, o motivo curioso do folclore dos vários agrupamentos étnicos que vivem no colonato: europeus e nativos. Do folclore europeu de muitas regiões do Portugal da Europa; dos nativos de lugares diferentes da terra africana. Todos esses aspectos do folclore nos foram dados não apenas com um rigorismo precioso, de que resultou um grande espectáculo, movimentado e colorido, que tanto interessou os estrangeiros que faziam parte da comitiva dos jornalistas e homens da Rádio e T. V. que acompanharam o Chefe do Estado.

Nós observámos a curiosidade dos estrangeiros por essas coisas que encantaram muito o seu espírito — essas coisas tão belas que foram, à margem das coisas materiais, razão de interesse dos visitantes, motivo das melhores crónicas para os seus jornais.

Em Zavala, o espectáculo, então, foi surpreendente, não só pela música, mas ainda pelo canto e pelas danças. Os «marimbeiros» de Zavala mostraram a beleza, a graça e a harmonia do seu conjunto musical; a delicadeza e o encanto das suas canções, o movimento, ora suave e delicado da sua dança, ora violento mas belo do seu

jeito de dar à música uma expressão curiosa de sentido estético, quando os bailarinos vieram, nos seus bailados, mostrar um mundo de beleza nova, que exibiu todo um sentido, tão evidente, do valor folclórico «chope» e dos seus intérpretes.

No Norte da Província — em Porto Amélia — não foi menos surpreendente o festival de folclore oferecido no campo de desporto, em honra do Chefe do Estado. Dele falaremos em outra crónica — e quando tivermos que escrever sobre coisas que nos impressionaram, tão bem, nessas terras distantes do Norte moçambicano. Agora é do festival dos «marimbeiros» de Zavala, em Quissico, do dia 28 de Julho, o nosso apontamento de viagem. Não será nunca nota crítica desse maravilhoso espectáculo, mas anotação preciosa de factos, o nosso trabalho de recolha de elementos que foram estudo valioso, enriquecimento da nossa bagagem cultural.

O programa do festival de Zavala principiava com uma saudação em chope ao Chefe do Estado:

*«Atú vachópi hi tsaquile
Cu dungulua ngu Presidente
Atu haco guéla to hi
Maputuguezi a o tsana gúto.»*

Traduzida na nossa língua queria dizer:

*«Nós os chopes estamos contentes
Pela visita do Presidente
Nós afirmamos que somos,
Verdadeiramente portugueses.»*

E assim era. Não foi difícil verificar esse propósito que tanto nos comoveu, não só pelo entusiasmo com que a canção nos transmitiu esse sentimento de fidelidade

à Pátria comum, mas ainda pela expressão, tão delicada, de sentido artístico da própria canção em si, na sua música e nas vozes dos seus cantores, em que havia a harmonia deliciosa de um conjunto tão rico.

O *Baiété* foi emocionante de presença, bem definida, dessa homenagem ao Grande Chefe Branco, que viera de tão longe e que os «chopes», através dos seus valores artísticos, agradeciam ao modo, tão hospitaleiro, do seu clã.

O programa, dividido em duas partes, todo ele cheio do delicioso interesse, mostrou-nos o valor artístico dos seus compositores, a beleza da poesia «chope», o sentido moral das suas canções, sempre lição de aprender para a assistência nativa, que a aceita e procura tomar como indicação do seu caminho.



Lembramo-nos bem desse momento tão alto do folclore «chope». Os apontamentos de reportagem, recolhidos do momento, fixaram pontos dominantes do espetáculo: dançavam os negros, como num *Sabat* demoníaco, gíngando os quadris ao ritmo da sua música. Entraram, por um lado, os bailarinos, depois as bailarinas. Encontraram-se e juntaram-se num colear de ancas, primeiro suave, dengoso, lascivo, os braços levantados, as mãos em concha, abertas, que pareciam taças erguidas de nectar precioso oferecido aos deuses; depois o colear principiou a ser frenético, num gíngar diabólico, inquietante. Pareciam duendes os bailarinos, parecia alucinação o seu bailado, espantoso e belo ao mesmo tempo. E cantaram as criaturas, depois, quando o movimento dos corpos afrouxou, uma canção doce, que era quase como choro — uma canção cheia de melodia, que subia

para o espaço, para este céu azul, de uma transparência maravilhosa; subia para o espaço como prece aos deuses. Os deuses que escutariam os que lhes ofereciam o prazer da sua música, das suas danças e dos seus cantares, para merecer a sua infinita graça. Depois, a dança era outra. Era outra a canção. Era outra a música. Mais forte e bela. Mais mexidos os bailarinos, que primeiro se deram em um movimento lento, que ia sendo mais bailado para atingir um tremer frenético de todo o corpo, como se o bailarino houvesse sido acometido de loucura. Depois pararam todos de repente. Ficaram quietos, hirtos, como belas estátuas, a pele brilhante do suor, o peito arfando de cansaço.

Milhares de nativos assistiram também ao espetáculo. Para lá, dos bailarinos e dos «marimbeiros», ficavam as lagoas de Zavala, azuis. Maravilhosamente azuis. E para lá delas, uma cintura arbustiva, como um franjado verde. Depois, o mar sem fim, que reflectia o azul sem mácula, de um céu límpido, azul e sereno.

Quando ao fim o régulo Machatine soltou três «Baiétes» para o Chefe do Estado, na sua saudação mais expressiva, a multidão negra repetiu os gritos desse «Baiéte» que ainda hoje estão tão presentes em nós. Depois, os «marimbeiros» tocaram o Hino Nacional — e todo o conjunto dos bailarinos cantou o hino de Portugal. Todo o povo cantou. E o cantar chegou ao céu...

Foi um momento de grande apoteose patriótica.

Bem haja o grande povo «chope» — esse povo que soube dar ao seu visitante, o Chefe e Pai, como lhe chamou na bela canção «Muzeno de Zandamela», rica música de Fomene Faduco, e na expressiva e encantadora letra de Mafumane Machatine, ambos da rege-doria de Zandamela, as melhores boas-vindas do seu clã.